



Viva o 8 de março Dia Internacional da Mulher Trabalhadora!



Mulheres guerrilheiras palestinas em Gaza (Photo_ Mahmoud Ajjour, The Palestine Chronicle)

Levantar as mulheres do povo para a Revolução!

Neste 8 de Março, uma vez mais, nós mulheres do MFP saudamos efusivamente a nossa gloriosa classe proletária e especialmente as mulheres do povo de todo mundo, afirmando imperativamente que este é o dia internacional das mulheres do povo e não de todas as mulheres como todo o feminismo burguês/pequeno-burguês alardeia, juntamente as agências do imperialismo e os governos reacionários em todo o mundo. O 8 de março é o dia das mulheres que enfrentam a batalha diária pela sobrevivência de suas famílias, por seus sonhos e suas esperanças. Celebrar o 8 de março é reafirmar o caminho da participação combativa das mulheres trabalhadoras na luta de classes, na luta contra a exploração e opressão e pela completa emancipação feminina de toda subjugação.

Saudamos a todas as mulheres do nosso heroico povo, as operárias, as camponesas, as trabalhadoras do comércio, do transporte e demais serviços, as servidoras públicas da saúde, educação e demais áreas, as trabalhadoras domésticas e donas de casa, as estudantes, professoras, profissionais liberais, intelectuais e artistas progressistas, saudamos as jovens, as adultas e as anciãs,

saudamos todas as crianças de nosso País, afirmando a esperança de um Novo Mundo com a certeza da luta classista e revolucionária! Por isso mesmo saudamos as Guerras Populares dirigidas por Partidos comunistas maoistas no Peru, Índia, Turquia e Filipinas e as lutas de libertação nacional tal como a contundente e Heroica Resistência Nacional Palestina, que prova que estas são a base da Revolução Proletária Mundial e que se abriu um Novo período de revoluções da História Mundial.

Demarcamos que, diante desse sistema agônico de exploração e opressão, de violência reacionária sem fim contra as massas populares de todo o mundo, as mulheres do povo cumprem papel decisivo para pô-lo abaixo, único caminho para a verdadeira emancipação feminina. Somos metade dos explorados e oprimidos do mundo e nossa força é indestrutível, vejamos o heroico exemplo das mulheres palestinas que não se dobram diante da besta-fera imperialista! Conclamamos às mulheres do povo a celebrar com júbilo e otimismo esta data inaugurada pelo combate pioneiro das operárias russas durante a Grande Revolução Socialista de Outubro, contra a exploração capitalista e pela emancipação de todas as mulheres da milenar opressão sexual.

Abaixo a violência policial fascista nas periferias e favelas contra o povo pobre, preto e trabalhador!

O Brasil registrou 6.393 execuções por parte de policiais em 2023, o que significa que a polícia mata mais de 17 pessoas de nosso povo por dia no país, sendo que 83% delas são negras. No estado de São Paulo, segundo dados do Ministério Público, as mortes cometidas por policiais aumentaram 46% em 2024, 673 pessoas foram assassinadas por policiais, uma média de 2 pessoas por dia! A polícia brasileira mata 3 vezes mais do que a soma de 15 países do G20 juntos, é a polícia que mais mata no mundo! É um índice de guerra, números próximos aos da Guerra na Ucrânia, por exemplo.

Um genocídio, assumido cada vez mais como política de Estado, através do embuste reacionário de que “bandido bom é bandido morto”, aplicando a política de criminalizar a pobreza, no intuito de encobrir e justificar seu fascismo, como o faz o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas, e seu secretário de segurança, o sanguinário assassino Guilherme Derrite.

Esses crimes são praticados diariamente e de forma intencional pelo criminoso e genocida Estado brasileiro, Estado de grandes burgueses e latifundiários, serviços do imperialismo. Não há polícia despreparada, ou mortes “acidentais”, há uma política de extermínio do povo pobre praticada pelo podre Estado brasileiro e suas forças de repressão policial. Essa violência reacionária, voltada a manter nosso povo e a nação subjugados, foi incrementada no atual golpe contrarrevolucionário em curso e conta com toda anuência do atual governo oportunista de coalizão reacionária. Uma verdadeira guerra, voltada a conter o crescimento da luta popular em geral, e da luta revolucionária em particular. O velho e apodrecido Estado brasileiro, em seu atual estágio de decomposição geral, sua fase última, se debate com toda a violência como último recurso para conjurar o desfecho de sua derrota final. É essa a razão, em última instância, do incremento da violência contra nosso povo em geral, e contra a luta popular em particular.

Mas os planos sinistros de impor o terror às massas empobrecidas das favelas e periferias tem sido frustrados. A repressão sangrenta só gera mais revolta, angaria imensa solidariedade e faz explodir o ódio das massas contra os nossos inimigos, levantando ondas de revoltas e rebeliões, que eclodem em diversas partes do país. No dia 17 de fevereiro passado, familiares de jovens executados pela polícia, somados às massas pobres da periferia da cidade, se levantaram em verdadeira rebelião popular contra a política de extermínio da polícia de Londrina.



Povo se rebela em Londrina/PR

Foram 25 pontos de manifestação pelas periferias da cidade, as massas atearam fogo em pneus e ergueram barricadas por toda a cidade, podia-se ver a fumaça em todo o céu. Foram várias vias interditadas, manifestantes jogaram pedras na polícia, queimaram ônibus e atacaram os monopólios da imprensa reacionária, expressando todo seu ódio a esse velho Estado. Essa revolta também fica expressa de forma contundente na fala da mãe do jovem Marco Aurelio (estudante de Medicina) durante uma audiência com os familiares de vítimas da violência policial realizada na câmara dos deputados no dia 11 de dezembro de 2024: *“Eu senhores, não tenho medo de ser matada, de ser fuzilada, não vou ficar louca, não vou ficar deprimida, nada! Vou até o último dia de minha vida atrás de justiça e quero esse policial na prisão já! (...) o que estamos reclamando é justiça por truculência, justiça por assassinato de nossa juventude, de nossos filhos (...) Eu vou lutar até o último dia de minha vida e quero olhar no olho desse policial que matou meu filho e ver o medo, o terror (...) Não existe inimigo pequeno, vou até as últimas consequências!”*.

A essas mães e familiares das vítimas conclamamos: Não podemos esperar nada desse velho Estado! Não será pela via jurídica e institucional que teremos a tão esperada justiça para nossos entes queridos. Seguem impunes chacinas hediondas cometidas pelas polícias nas cidades, como o massacre de Paraisópolis (SP), onde a polícia executou 9 pessoas em apenas 20 minutos (2019), a chacina do Jacarezinho no Rio de Janeiro, onde a polícia assassinou mais de 25 pessoas durante a pandemia (2021), ou a famigerada Operação Escudo, realizada na baixada santista em 2024, que vitimou 84 jovens com evidências claras de tortura e execução, considerada uma das mais letais da história da PM de São Paulo.

O MFP se soma à Liga dos Camponeses Pobres e convoca as mulheres e homens trabalhadores das favelas e comunidades pobres do país, especialmente os jovens, a se defender da violência das polícias organizando grupos de autodefesa armados de massas e enfrentando com organização esse velho Estado e suas hienas policiais, impulsionando a revolução de Nova Democracia, ininterrupta à revolução socialista, rumo ao luminoso Comunismo, reino da verdadeira liberdade, onde serão varridos da face da terra todo tipo de injustiça, opressão e exploração inatas ao podre sistema imperialista. **Dizemos às mães e familiares dos jovens assassinados: Não ficará impune! A justiça do povo será feita! A rebelião se justifica!**



Mulheres protestam contra chacinas promovidas por forças repressivas do velho Estado em vilas e favelas

Contra as hordas paramilitares da extrema direita e a política latifundista do velho Estado e os governos de turno

Avança a resistência camponesa, indígena e quilombola em todo o País

A situação no campo brasileiro é de guerra aberta do latifúndio e o velho Estado contra o campesinato pobre, povos indígenas e quilombolas. Apenas nos dois primeiros meses deste ano, foram assassinados camponeses em luta pela terra em Vitória do Xingu (PA) e em Boca do Acre (AC), realizados ataques brutais de pistoleiros e policiais contra os povos indígenas Avá-Guarani (PR) e os Guarani-Kaiowá (MS), despejos ilegais de centenas de famílias em acampamentos em Teresina (PI), no Vale do Jaguaribe (CE), além de uma série de ataques de vários tipos da pistolagem em muitas outras áreas, como o acampamento Nova Esperança, em Nova Brasilândia (RO), engenho Barro Branco, em Jaqueira (PE), acampamento Vida Nova, no Vale do Jequitinhonha (MG). Em todas elas, as massas resistem com diferentes níveis de organização e, invariavelmente, onde logra organizar-se com maior resistência e combatividade tem imposto derrotas para as hordas latifundiárias e bolsonaristas, como o “Invasão Zero” e arrancado vitórias valiosas.

Se por um lado, a repressão à luta pela terra não é novidade em nosso país, uma vez que o próprio velho Estado genocida foi fundado sob a égide do domínio latifundista do território, a serviço dos amos imperialistas e por meio do massacre à resistência dos povos originários, dos negros escravizados e de camponeses pobres, por outro lado temos visto nos últimos anos o aumento da violência reacionária mais descarada contra as massas que prosseguem essa luta histórica e heroica pela terra e seus territórios.

Na região norte do país, onde mais avança a sanha exploradora e cobiça dos latifundiários, grandes mineradoras e outras corporações dos países imperialistas pela Amazônia e expansão do “agronegócio”, cresce a grilagem descarada de terras públicas sob a chancela do sistema judiciário e dos governos de turno, a perseguição e assassinato de lideranças, ameaças e despejos brutais de comunidades. Contudo, cresce também aí a resistência armada camponesa, indígena e quilombola, a qual desfechou importantes derrotas às investidas dos bandos paramilitares do latifúndio, a exemplo dos Guardiões da Floresta no Maranhão, e dos acampamentos Manoel Ribeiro e Tiago Capim dos Santos, organizados pela Liga dos Camponeses Pobres (LCP) em Rondônia. As batalhas camponesas em defesa das terras no Norte e Sul de Rondônia em 2020 e 2021, confrontando as tentativas de despejo, ameaças e assassinatos de camponeses e lideranças, recolocaram a questão agrário-camponesa no centro da cena política do País, chegando o então presidente ultrarreacionário Jair Bolsonaro a criminalizar diretamente como organização terrorista a LCP em uma *live* presidencial e em discurso na inauguração da ponte sobre o Rio Madeira, divisa de Rondônia e Acre. A elevação da resistência armada camponesa impactou profundamente amplas massas em todo o País e no

exterior, e fizeram o latifúndio e a extrema direita estremececerem. Aproveitando-se de ofensiva política eleitoral da extrema direita, grupos latifundiários criaram o chamado movimento “Invasão Zero” (IZ), organização oficial de pistoleiros e latifundiários para atacar camponeses em luta. Essa horda de fascistas latifundistas empreenderam em seguida uma ofensiva contra os camponeses, indígenas e quilombolas em diversos estados do País, tendo sido responsáveis pelo assassinato covarde da liderança indígena Nega Pataxó (em janeiro de 2024) e da líder quilombola Mãe Bernadete (em agosto de 2023), ambos na Bahia. Em 2023, no entanto, a Bahia também foi palco de uma grande resistência camponesa, dirigida pela LCP, no Acampamento Mãe Bernadete, o qual resistiu a inúmeros ataques da pistolagem e logrou avançar e realizar o Corte Popular das terras tomadas do latifúndio. Em 2024, os reacionários do IZ sofreram nova derrota, em resistência feroz empreendida pelos posseiros de Barro Branco, na Zona da Mata de Pernambuco, em confronto no qual o presidente estadual do IZ, José Antônio Fonseca de Mello, e outros comparsas seus foram atingidos por disparos de arma de fogo, numa resistência justa das massas contra o ataque de dezenas de latifundiários da região e pistoleiros, que atacaram ateando fogo às casas e destruindo com máquinas as plantações camponesas e atirando covardemente contra as massas. Em todos esses casos, é de praxe a atuação das forças policiais (tanto estaduais como a “Força Nacional”) como proteção e suporte às forças paramilitares do latifúndio.

Enquanto essa guerra agrária agudiza no campo brasileiro, o governo oportunista da conciliação finge que não vê e permanece ao lado dos latifundiários, favorecendo a grilagem de terras no País e o latifúndio de produção primária para exportação. Em abril de 2024, o pelego-mor Luís Inácio cinicamente declarou que era possível resolver o problema agrário “*sem muita briga*”, e que faria uma “prateleira de terras” à disposição da tal reforma agrária. Ora, isso não passou de papo furado, pois o que realmente aconteceu neste período foi o aumento da concentração fundiária no País, aumento da grilagem de terras e das ações de terror das hordas fascistas do IZ.

Todos esses exemplos nos mostram que o único caminho das massas camponesas, indígenas e quilombolas no qual podem obter vitórias é o da resistência armada contra o latifúndio, as hordas da extrema direita bolsonarista e o velho Estado burguês-latifundiário. É a Revolução Agrária em curso, como base e primeira etapa de uma grande Revolução Democrática ininterrupta ao socialismo, para construir o Brasil Novo.



Morte ao latifúndio e às hordas latifundiárias da extrema direita! Viva a Revolução Agrária!

Heroica Resistência Palestina impõe fragorosa derrota à genocida ocupação colonialista sionista de Israel

O acordo de cessar-fogo firmado entre Israel e as Forças Nacionais da Resistência Palestina no dia 19 de janeiro deste ano, nos seus termos e condições e sem abrir mão de nenhum de seus objetivos, é uma derrota contundente sobre o plano estratégico sionista. Expôs e agudizou ainda mais a fragilidade política e econômica de Israel em crise aguda com as classes dominantes divididas com divergências entre suas frações e todo seu sistema de governo. A resistência angariou a libertação de centenas de seus combatentes. As declarações de agradecimento, dos prisioneiros israelenses, ao tratamento dado pelas forças da resistência palestina é mais uma fragorosa derrota moral dos bandidos nazi-sionistas.

O povo Palestino despossuído e expulso de sua própria terra em 1948, luta pela sua independência e autodeterminação há 75 anos, vivendo nas piores condições de vida e sob um cerco permanente das forças do Estado sionista de Israel apoiados militar e materialmente principalmente pelo imperialismo ianque, impôs mais uma derrota militar, política e moral aos bandidos assassinos nazi-sionistas. A nova etapa desta luta das Forças de Libertação Nacional Palestina, iniciada com o 7 de outubro, atingiu em cheio o Estado de Israel e o imperialismo ianque, que como tigres aterrorizados, desesperados e enfurecidos, atacaram a Palestina na faixa de Gaza com tanques e, principalmente bombardeios, numa destruição e genocídio tais que expôs ao mundo toda sua essência de violência selvagem e reacionária e desumanidade. O Estado sionista de Israel assassinou mais de 64.260 mil palestinos, respaldado pelo apoio militar e político-econômico do imperialismo norte-americano, alemão, francês e britânico, transformou Gaza em terra arrasada. Atacou deliberadamente edifícios públicos, comerciais e residenciais, escolas, hospitais, templos religiosos e campos cultivados com bombardeios intensos, assassinando milhares de palestinos e ferindo dezenas de milhares. Toda esta destruição reacionária e sionista não foi suficiente para deter a Resistência Palestina e nem para concretizar seu plano de completa destruição daquele povo que lhe deu mais um duro golpe impondo-lhe o acordo de cessar-fogo.

Com seu mantra de “acabar com o Hamas e seus chefes” e pretexto de “resgatar os reféns”, em mais de um ano de guerra numa área minúscula, o Estado de Israel nem sequer conseguiu chegar aos prisioneiros de guerra detidos pelas Forças da Resistência Nacional Palestina, muito menos alcançar a quimera da pretensiosa da vitória definitiva sobre a Nação Palestina. As fanfarrônicas do Estado sionista de Israel e dos ianques, depois do Dilúvio de Al-Aqsa, de que esmagariam a Resistência e destruiriam as redes subterrâneas anti-bombardeios e de retaguarda, foram feitas pó e silenciados os falastrões pela ferocidade heroica das Forças da Resistência Nacional Palestina, que por sua vontade, razão e decisão impuseram o curso da guerra. Depois da derrota vergonhosa das hordas assassinas do imperialismo ianque (norte-americano) ropinada pela guerra do povo vietnamita, na qual se destacou a tática da guerra de túneis, coube a Palestina dar-lhes mais outra, tão amarga dose desta, que se tornou uma arma decisiva também para a resistência Palestina. A mesma feroz luta armada que calou as deploráveis teorias revisionistas e reformistas “defensoras da paz, democracia, desarmamento e reconciliação”, que repele qualquer outra tática a guerra justa de defesa contra uma ocupação e violação de sua independência e autonomia. Única forma capaz de vencer os imperialistas e o Estado sionista de Israel e o principal elemento de unificação das verdadeiras forças da Resistência Palestina, assim como comprova ser a única tática para toda a luta anti-imperialista e democrática em todo o mundo.

A luta anti-imperialista e democrática das Forças de Libertação Nacional e Resistência Anticolonial Palestinas é transcendental! Expressa uma nova era da história universal, de um grandioso levantamento de massas em luta pela destruição do imperialismo. Essa luta tem um valor histórico, pois é a tocha que ilumina a determinação dos povos contra o imperialismo e toda essa velha e carcomida ordem de exploração e opressão como parte da luta internacional de libertação nacional dos povos, pela destruição do imperialismo, base da Revolução Proletária Mundial.

Adquira a revista Nova Aurora!



A primeira edição da revista Nova Aurora já está circulando por todo o País. É a realização de um projeto do MFP – Movimento Feminino Popular, idealizado por nossa saudosa dirigente fundadora Sandra Lima, para impulsionar decididamente a formação política e a organização das mulheres do povo. Sua concretização representa importante logro para o movimento feminino popular e revolucionário em nosso País.

O conteúdo dessa edição aborda nossa análise da situação política internacional e nacional, com destaque para a situação de crise de decomposição do sistema imperialista; os processos de guerras de libertação nacional em resposta às guerras injustas lançadas pelas potências e superpotências contra as nações e povos oprimidos de todo o mundo, como a Heroica Resistência Nacional Palestina e como as guerras populares no Peru, Índia, Turquia e Filipinas, destacando nelas especialmente o papel que as mulheres têm; e um importante histórico da heroica Guerrilha do Araguaia.

Neste material também pudemos aprofundar nossa análise e posição firme contra a criminalização do aborto e contra a PL do estupro, lei essa que demarca claramente que esse Estado é um odioso inimigo das mulheres do povo. Levantamos uma campanha contra o estupro e a violência sexual contra mulheres e crianças como parte da destruição dessa velha ordem de exploração e opressão. Além disso, a revista traz nosso posicionamento marxista com relação ao falso radicalismo do feminismo pequeno-burguês, onde defendemos que nosso principal critério para análise e intervenção na situação política é o de classe.

Você pode adquirir a revista nos núcleos do MFP espalhados na cidade e no campo por todo o País!

Visite nosso site: www.movimentofemininopopular.com.br